

DF - Horticultura Incra quer levar agricultores para o Entorno

As 30 famílias de agricultores que invadiram o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), na última segunda-feira, permanecem no local, enquanto o presidente do órgão, Osvaldo Russo, busca solucionar o problema através da desapropriação de uma área improdutiva, de cerca de 8 mil hectares, em Brasilinha. A pesquisa cadastral está sendo feita também nas cidades de Luziânia, Santo Antônio do Descoberto, Unaí e Corumbá do Goiás, para futuras desapropriações.

Osvaldo Russo afirma que todas as tentativas de convênio com o Governo do Distrito Federal para assentar estas famílias, expulsas em dezembro do ano passado de uma área da Fundação Zoobotânica, conhecida como Pípiripau, foram em vão. "Hoje, em audiência com o ministro da Agricultura, Dejandir Dalpasquale, obtive total apoio, para buscar soluções deste problema fora do DF". Russo lembrou, ainda, que o convênio firmado entre o GDF e o Incra, em 11 de junho, que prevê a cooperação para agilizar os assentamentos, não está sendo cumprido.

O secretário da Agricultura do DF, Francisco Monteiro, admite que o convênio foi firmado, mas não pode ser cumprido porque não há áreas desocupadas. "Toda a terra do estado está arrendada em condições totalmente regulares, não me permitindo encerrar os contratos", argumenta. Russo, no entanto, afirma que o Incra nunca teve acesso a tais levantamentos.

A Lei Orgânica no DF, aprovada no primeiro semestre deste ano, garante que todas as áreas dos arrendamentos que forem devolvidas ao poder Executivo deverão ser revertidas para programas nos assentamentos rurais. Os agricultores acampados no Incra esperam uma saída rápida para o caso, mas mantêm a esperança de que uma dessas áreas do DF, que funcionam em regime de arrendamento, possam ser transferidas a eles.

Já no terceiro dia de acampamento, as famílias levam uma vida que se adequou à casa provisória. Os funcionários oferecem refeições e lanches e os sofás são transformados em camas. Já as crianças são as que mais sofrem por não poderem circular livremente no prédio.